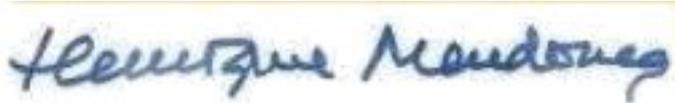


Nota de Henrique Arantes Lopes de Mendonça, seu bisneto.

Este poema, escrito em 1883, foi dedicado ao adido militar da nossa delegação em Londres, o major Luís Quilliman, pela atitude de desafronta que ele assumira, em resposta a invectivas caluniosas contra o nosso país por um deputado ao qual desafiou para um duelo.

Por razões que justifica assina com o pseudónimo "Lusos".

A handwritten signature in blue ink that reads "Henrique Mendonça". The signature is written in a cursive style and is contained within a thin yellow rectangular border.

DELEND A ALBION!  
POR LUSUS



EMPRESA - BORDALLO PINHEIRO - EDITORA

1883

*Lallemant Frères, Typ. Lisboa*

FORNECEDORES DA CASA DE BRAGANÇA

6, Rua do Thesouro Velho, 6

DELENDÁ ALBION

POR

LUSUS

PUBLICAÇÃO DA EMPREZA BORDALLO PINHEIRO

AO ILL.<sup>MO</sup> E EX.<sup>MO</sup> SR.

LUIZ DE QUILLINAN

MAJOR DO EXERCITO PORTUGUEZ,

ADDIDO MILITAR Á LEGAÇÃO PORTUGUEZA EM LONDRES

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Permitta-me V. Ex.<sup>a</sup> que na primeira pagina d'este modesto oppusculo eu colloque o seu nome, de ora avante sympathico a todos os portuguezes. Não pretendo com elle acobertar o meu anonymo, que circumstancias especiaes me forçaram a tomar. Nem creio que a posição official de V. Ex.<sup>a</sup> lhe permita o perfilhar as doutrinas expressas n'este brado de indignação, para mim justissima, nem eu me subtraio, sendo necessario, á responsabilidade pessoal de taes doutrinas.

Esta offerta não passa de uma singela, mas cordeal homenagem ao brioso procedimento de V. Ex.<sup>a</sup>, em resposta ás invectivas calumniosas de um deputado inglez.

N'estes termos, pede a honra de lhe apertar a mão

O mais obscuro dos admiradores de V. Ex.<sup>a</sup>

Lusus

# DELENDÁ ALBION!

## I

Eil-os, ó bom burguez, os nossos aliados!  
Despem da cortezia os brilhos costumados,  
N'uma explosão feroz de tumida insolencia!  
Pondo de parte os sãos dictames da prudencia,  
Desdenhando subtis periphrases e ambages,  
Despejam sobre nós a chuva dos ultrajes!  
Onde a Europa só viu motivos para o pasmo,  
Vão pôr a nodoa vil da injuria e do sarcasmo!  
A colera asinina, em rebusnante estrepito,  
Ergue a pata cruel sobre o leão decrepito!  
Muito bem, muito bem! ó bandoleiros flavos!  
Arrancae-nos emfim os derradeiros chavos,  
Despojae-nos de todo o heroico patrimonio,  
E audazes vomitae, n'esse jargão saxonio,  
A nojenta invectiva, o venenoso apodo,  
De lodo por brotar d'uns labios taes de lodo,  
Contra o velho immortal, a quem deveis um mundo.

Pobre patria! bem vês o pelago profundo  
Em que te despenhou a cega confiança!  
A soberba villã a tudo se abalança,  
E na bocca mordaz do anglo-saxão maldito,  
És vil como a Turquia, és presa como o Egypto.  
Passou o tempo já em que as aureas algemas  
Que te impoz o bretão, brilhavam como gemmas!  
Agora o caso é outro! Os despotas convulsos  
Primem no ferreo engenho os teus nervosos pulsos!  
Inda mais, inda mais! Heroes do nevoeiro!  
Apagae essa fome! Aqui inda ha dinheiro!

Mas não, meu Portugal! ó meu sagrado ninho!  
É preciso sahir do negro pelourinho,  
Onde, aos olhos da Europa, absorta do espectaculo,  
Exgota o nosso sangue o colossal tentaculo  
D'essa medonha *pieuvre* — a perfida Inglaterra!  
Ó patria, ó santa mãe! os labios teus descerra!  
Ah! não deixes calcar a tua fronte augusta  
Pelo bretão ruim, que espuma e barafusta  
Do luzente metal na fome insaciavel!  
Ergue de novo a voz, outr'ora formidavel,  
Quebra as cadeias vis, renasce para o bem,  
E escarra-lhes no rosto o infame insulto, ó mãe!

## II

Eia, louros ilheus! — Agora é necessario  
Vermos a quanto monta o ardor humanitario,  
De que vos orgulhaes com basta hypocrisia!  
Despedaçaes da historia a pagina sombria  
Onde em letras de sangue a Europa consternada  
Lê o supplicio atroz da India subjugada!  
Dos tropicos ao polo, e do equador aos tropicos,  
Tendes manifestado os feitos philanthropicos.  
A America apresenta as suas cicatrizes  
Dos tempos da opressão, ó servos de Cambyzes!  
A colonia do Cabo, a dilecta da Hollanda,  
Viu seus filhos fugir á escravidão nefanda!  
E nos confins do mundo a propria Australia chora  
As victimas da febre aurea que vos devora!  
E fallaes sem pudor, em phrases exquisitas,  
De paz e caridade, ó novos jesuitas!  
E junto a vós a Irlanda, immersa em desesp'rança,  
Ergue um brado de angustia, um grito de vingança.  
Ah! é chegar bem longe a cynica ousadia,  
Depois de crimes taes, pregoar philanthropia.  
Tendes poder immenso e prosperas colonias!  
Porem, da Nova Hollanda até ás Ilhas Jonias,

Conheço muito bem o commodo systema,  
Que usaes, de resolver o difficil problema  
Da civilisação dos povos subjugados.  
Calcando sob os pés dos rubidos soldados  
A liberdade e o lar, a propriedade e a vida,  
Nada refreia a vossa audacia desmedida;  
E aonde vos conduz a sede de dominio,  
Em vez da illustração, levaes o morticinio.  
Vindes fallar talvez, em phrases pedantescas,  
De commercio opulento e de obras gigantescas,  
De riquezas sem fim, de empresas collossaes,  
Nas tristes regiões que altivos dominaes.  
Ah! nada d'isso apaga os echos dos gemidos,  
Cheios de raiva e dor, dos povos opprimidos.  
Em ouro transformaes o sangue vil que os banha,  
Que vem rolar depois aos pés da Grã-Bretanha!  
A cada nova estrada, a cada templo novo,  
A vossa enxada fere o cadaver de um povo.  
E emquanto dos bretões o carro triumphal,  
Se avança, desprezando o brado universal,  
Tu gemes impotente, ó candida justiça,  
Sob os odientos pés da lobrega cubiça!

Não! do romano imperio até á inquisição,  
Das furias do papado ás da revolução,  
Nada eguala em horror a tenebrosa chronica  
Das sévas invasões da raça anglo-saxonica.  
Ao graval-as no bronze, empallidece a historia!  
Ó soberbos bretões! tal é a nossa gloria!

III

E ousaes a Portugal vèbrar os torpes chascos...  
Vamos! baixae as mãos! ó lugubres carrascos!  
Poz n'ellas mancha o sangue! E o cheiro nauseabundo  
Corrompe as multidões e contamina o mundo.  
Arqueja ainda o Egypto, em convulsivo arranco,  
Sentindo o gladio inglez cravado no seu flanco.  
E vós, cheios de orgulho e de impetos ferozes,  
Ebrios pelo triumpho, ergueis as frias vozes,  
E pertendeis manchar o velho Portugal!  
Ah! não ousaveis tanto em tempos de Pombal!  
Aquella excelsa voz, sahindo do amplo peito,  
Sabia-vos conter nos termos do respeito,  
Não murmuraveis, não! quando a lusa bandeira  
Vos fazia curvar a fronte sobranceira.  
Hoje, ao vêr do gigante o colossal destroço,  
Julgando a terra inteira um patrimonio vosso,  
Não contentes de haver trahido a lealdade,  
Negando para o Congo a nossa auctoridade,  
Ligaes-nos sem pudor ao potro da ignominia,  
E lançaes, como açoute, a imprecação fulminea.  
Oh! como a patria chora a louca segurança  
Com que se confiou á punica alliança!

Que vantagens logrou? a industria aniquilada,  
O commercio nas mãos da perfida alliada,  
E, ao ver-nos sem vigor, immersos no lethargo,  
A Europa que nos lança o seu desprezo amargo.

Pois bem! ergue-te agora, ó povo portuguez,  
Remedeia a fatal passada insensatez!  
Expulsa os vendilhões! sacode o negro jugo!  
Rouba o teu corpo heroico ao ferro do verdugo!  
Por um momento olvida as luctas intestinas,  
Hasteia o immortal pendão das lusas quinas,  
E nobre, e grande, e bom, audaz inda que tardo,  
Zomba por tua vez do barbaro leopardo!  
Filhos de Portugal! ó meus compatriotas!  
Tendes no forte braço o estygma dos ilotas,  
No braço que logrou encher de assombro a terra!  
Não sois amigos, não! mas servos da Inglaterra!  
Se amaes a patria exangue e amaes a liberdade,  
Esquecei das facções a feia inimizade!  
Fidalgos ou plebeus, sinceros monarchistas,  
Democratas leaes, ardentes socialistas,  
N'uma explosão de amor, de colera titanica,  
Unidos combatei a sordidez britannica.

#### IV

E agora tu, Europa! ó mãe da liberdade!  
Não curves a cerviz ás obras da maldade!  
Ficta o severo olhar na terra inteira, e scisma  
No mundo que se vae, no mundo que se abysma,  
Sob os feros tacões do perfido colosso.  
Não é só nossa a dôr! o mal não é só nosso!  
O leopardo bretão deixou rasto profundo  
Em sobejas nações, em quasi todo o mundo.  
Nos povos e nos reis, um sentimento vago,  
Faz acudir á mente a sorte de Carthago.  
Ah! surgisse um Catão! e a fulgida eloquencia  
Fulminasse de vez a punica insolencia!  
E, rasgando a Victoria o manto imperial,  
Vingasse a humanidade e subjugassem o mal!  
Ha de chegar tal dia! A deusa immaculada,  
A justiça ha de erguer a sacrosanta espada;  
Ah! cuidado, bretões! porque ella não se illude  
Co'a mera ostentação de amor e de virtude!  
N'esse dia fatal, o vosso immenso imperio  
Cahirá das nações no vasto cemiterio!  
E ao ver, cheio de assombro, a punição tremenda,  
O mundo bradará: Delenda Albion! Delenda!

LISBOA

1883

PREÇO 200ms

LITH. GUEDES-LISBOA